



## **Proposta de Karl Max para sacramentar os movimentos paradoxais, entorno da atual política operacional do comércio exterior**

*Por Luiz Ramos*

Atrelar o sucesso de um sindicato e associação à sorte de seus administradores já é, há tempos, uma visão amadora, para não dizer ridícula, paradoxal!

Com raríssimas exceções, as entidades que se destacam no mercado possuem estratégias bem claras de atuação. Estruturalmente, elas não devem ser diferentes das empresas bem organizadas. Devem ser enxutas e eficazes. Ter políticas de *compliance*. Priorizar o desenvolvimento de uma cultura organizacional interna própria, de forma que os representados se sintam concretamente valorizados.

Um exemplo dessas ações é o crescimento das atividades que as nossas categorias econômicas vêm demonstrando com os caminhos que estão sendo oferecidos no mercado nacional e internacional.

As empresas integrantes da nossa classe buscam praticar uma política administrativa, visando os negócios de maior amplitude. Diariamente, esta meta motiva os seus colaboradores e parceiros a conhecer os reais valores dos serviços que oferecemos, assim como nossa missão e valor como um todo. Conseqüentemente, estes profissionais ampliam suas capacitações e qualificações diretamente ligadas ao comércio exterior.

O resultado dessa sequência de desenvolvimento em cadeia é extremamente gratificante. Os clientes sentem-se seguros em suas operações, pois notam que são assessorados por uma empresa formada por equipes engajadas, envolvidas e, acima de tudo, comprometidas com os seus objetivos (sejam eles exportações, importações ou *door to door*).

A disseminação da prática de incentivo atinge outro alvo absolutamente essencial: fazer com que seus clientes constatem que as empresas da nossa categoria executam as estratégias necessárias dentro do intrincado universo das políticas globalizadas e da revolução dos processos objetivos e conjugados.

A revolução política que conduz a entrada e saída das mercadorias importadas e exportadas pelos portos, aeroportos e fronteiras deveria projetar novos caminhos, olhando para a possibilidade de uma sociedade planetária de mercado unificada, e não se pautando no que vê em seu limitado retrovisor histórico ou em premissas antiquadas.

Compreensivelmente, trata-se de um futuro para médio prazo, indefinido no surgimento e indeterminado nos traços concretos da altura que buscamos dentro do comércio exterior. Contudo, vários aspectos da futuração já se evidenciam no presente, como a criação de um amplo Foro Nacional para debatermos pragmaticamente a necessária mudança da Aduana Brasileira para um ministério setorial, como o MDCl, por exemplo.

Alterações assim serão capazes de congregiar os anseios das diversas classes empresarias, entidades e de outros seguimentos, unindo-os na mesma atividade criativa; à superação dos particularismos agressivos e das hostilidades manifestas latentes entre próprios os órgãos anuentes que existem dentro do atual governo.

Dessa forma as entidades de classe conseguirão representar e defender políticas públicas de desenvolvimento, que ajudem as nossas categorias econômicas no fortalecimento da inserção e reconhecimento da valorização de suas atividades múltiplas no País.

Não temos dúvidas de que acidentes de percurso são possíveis, bem como não são improváveis os desvios de rumo. Numerosas variáveis interagem contra uma revolução - nos moldes da que foi proposta por <sup>1</sup>Karl Marx -

---

<sup>1</sup>O alemão Karl Heinrich Marx, fundador da doutrina socialista, produziu ideias que tiveram grande impacto em todo o mundo, ao longo do século XX. Com um pensamento que abrangeu Teologia História, Literatura, Pedagogia, Antropologia, Economia, Sociologia, Ciência Política, Filosofia, Geografia, Direito, entre outras áreas do conhecimento, trata-se de um pensador que impressiona, seja pelo volume de informação e nível de profundidade, seja pelas duras críticas que impõe ao sistema capitalista como um todo. Marx sempre se mostrou ser um grande teórico, mas também um homem de ação, porque condenava a diferença entre teoria e prática. Assim, lutava arduamente para que suas ideias fizessem parte de sua prática cotidiana.

dentro do nosso comércio exterior e a coexistência de uma semelhante interação que permitiria a projeção de mais de um cenário na criação de um “Fórum Nacional de Debate”, com medidas para celebrar acordos que realmente venham facilitar nosso segmento.

O “Fórum” teria a capacidade de induzir, em médio prazo, mudanças qualitativas nos fluxos de metas e temas, objetivando apoiar os projetos de maior capacidade de mobilização da estrutura produtiva que integram as cadeias globais de valores das operações importações e exportações, entre outros.

É importante ter muito cuidado nesse momento, pois a cultura organizacional das nossas entidades não deve apenas ser escrita, deve ser praticada por todos. Se o nosso grupo não estiver engajado nos objetivos organizacionais, invariavelmente, ocorrerão comportamentos incompatíveis com o que a corporação objetiva, e o fortalecimento dessa cultura depende de todos.

Se não ocorrer um amplo engajamento, não conseguiremos atingir o objetivo de ter uma organização (sindicato e associação) forte e que caminha em conjunto para o crescimento almejado. São muitas as ações que devem ser desenvolvidas para o conjunto de fortalecimento e reconhecimento das nossas entidades, junto a todos os órgãos governamentais federais, estaduais, municipais, judiciários, legislativos, federações, confederações, entre outros, dentro de todo o território nacional.

Outro ponto que deve ser incentivado é a capacidade de liderança que nossas categorias econômicas pretendem gerar e desenvolver de forma organizacional. Não faz o menor sentido, num país tão extenso como o Brasil, não se adotar uma política de transporte e distribuição capaz de atender à sua economia, alcançando todas as regiões e formando uma cadeia logística bem planejada, que aperfeiçoe os recursos e meios de transporte.

Em decorrência, seria observada uma redução dos custos com operações logísticas e do tempo de estoques. A conclusão seria mais competitividade para as empresas importadoras e exportadoras, o que geraria bons resultados para toda a economia brasileira.

Sendo assim, devemos estar atentos aos caminhos que estão sendo tomados e percorridos e termos consciência de que, por diversas vezes, precisaremos ajustar rumos no meio desta caminhada essencial para fugirmos das tormentas. Digo isto porque não devemos pensar que correções estratégicas de ações significam um erro, mas, sim, uma grandeza estratégica daqueles que têm por objetivo destacar um benefício comum. O conhecimento e força da união em torno da classe faz toda a diferença para o engajamento das nossas representadas. Por isso, os preceitos comuns devem ser divulgados e aprimorados constantemente.

É imprescindível manter-se uma política de comunicação bem definida, com ferramentas de endomarketing que atinjam a todos. Soma-se a isto a necessidade constante de mantermos outra política – esta, voltada aos colaboradores, que permita, como expus no início deste artigo, gerar maior motivação e crescimento de toda a nossa categoria econômica, sem distinções e distorções de qualquer natureza.

Entidades fortes têm que fazer florescer um envolvimento afetivo por parte dos seus apoiadores. O segredo para o engajamento na cultura organizacional é o relacionamento. Portanto, devem-se romper as barreiras da impessoalidade e buscar, sempre, fortalecer o relacionamento interpessoal.

A soma destas diretrizes fará com que elas se sintam parte do processo de construção da organização, fazendo com que a missão, a visão e os valores estejam enraizados em seu subconsciente; construindo, mantendo e fortalecendo nossas empresas, equipes e profissionais de sucesso.



Luiz Ramos é presidente do SINDICOMIS (Sindicato dos Comissários de Despachos, Agentes de Carga e Logística do Estado de São Paulo) e da ACTC (Associação Nacional dos Comissários de Despachos, Agentes de Cargas e Logística); empresário; despachante aduaneiro; técnico e mestre em soluções de comércio exterior; trade; especialista em legislação aduaneira e tributária, assuntos governamentais e institucionais e aduaneiros; conselheiro da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomércio), diretor do Cecomércio-Fecomércio/SP; coordenador geral do Comitê Técnico Fiscal de Comércio Exterior do Sindicomis/ACTC e diretor geral do Grupo Baska.